

EDITORIAL

ENSINAR-APRENDER: O EU E O OUTRO NO ENCONTRO DO NÓS

Paulo Gomes Lima – UFSCar-Sorocaba*

Desencadear reflexões acerca do afeto e saberes no ensino da arte é a temática proposta pelos docentes Meira Chaves Pereira e Gustavo Henrique de Faria Fernandes – ambos professores titulados e pesquisadores da educação e da arte. Creio que os organizadores acertaram quando da preocupação que encampa as discussões no presente dossiê, visto a atualidade de tais discussões não somente na área do ensino de arte, mas em todo o conjunto que centra a produção do conhecimento como amplo espectro de complexidade e interações, como diz Edgard Morin. Nesse caso, o complexo não é medido meramente pelo grau de conflitos identificados no contexto estudado, são as múltiplas tramas sociais, econômicas, profissionais e pessoais dentre outras que transversalizam e fazem do processo ensino-aprendizagem a constituição de sensibilidades que não objetos marginais.

A construção do conhecimento historicamente produzida não pode prescindir de considerar o como se aprende e para quê, sem se questionar sobre quais são os agentes intervenientes no processo da aprendizagem e do ensino, mas antes e sobretudo da identidade dos sujeitos que estão no contexto do aprender e do ensinar. Nesse caso estudantes e professores se constituem como o “eu” em determinado momento e como o “outro” no seguinte, mas isso não se dá de forma comum como se fossem objetos de predeterminismos, antes, pelas vias que exigem e necessitam de cuidados sensíveis de seres que entre o “eu” e o “outro” se tornam o “nós”. E alternando entre o “eu” e o “outro”, agora “nós” temos que desenvolver tessituras motivacionais que ao nos constituir humanos contribuem para os significados e ressignificados que são construídos nessa relação da vida e para a vida. Como destacamos em outro momento:

A educação é o instrumento que vai formar e constituir a consciência do indivíduo na ação comunicativa entre si e o outro. Esta ação é vetor da construção de normas e convenções dos valores acordados e das formas legítimas de interferências nas regularidades ou irregularidades do objeto social em todas as instâncias: desde os valores do núcleo familiar, de uma grupamento de profissões, de grupos étnicos ou mesmo da organização de um Estado. Por explicitar a consciência viva de um povo ou das normas estabelecidas por ele, é que o fenômeno educacional vai se desdobrar de algumas maneiras específicas, conforme o enfoque do arranjo social, tendo como finalidade, a emancipação do sujeito como ser histórico, instrumentalizando-o para atuar a partir das relações estabelecidas nos acordos sociais, concordando com as mesmas ou propondo reformulações ao longo do seu amadurecimento como ator social ou ainda, por meios legitimamente constituídos, encaminhar formas de superação de seu desenvolvimento (LIMA, 2006, p.4)

Entender as instituições educacionais como agências ou espaços privilegiados de produção da cultura ou culturas humanas compasso o caráter permanente e dinâmico de sua história que marca um recorte ou uma existência. Isso não se faz sem o “eu”, o “outro” e o “nós”, visto que de geração em geração os conhecimentos podem ser atualizados e a valoração dos indivíduos vai circunstanciar tais ações. Claramente o caminho em que o processo do ensinar e aprender nas instituições podem ser construídos de forma cadenciada por ritos e metodologias, até de forma impessoal, como por exemplo, quando se venera a técnica como eixo superior a outras sensibilidades do conhecimentos; entretanto, não se pode deixar de observar o que com Henri Wallon, a pedagogia aprendeu – os seres humanos aprendem, reaprendem, constroem e reconstroem mobilizados por seus afetos, ou seja:

[...] existe uma ação recíproca entre funções mentais e funções motoras, assim a vida mental não resulta de reações unilaterais ou de determinismos mecanicistas, mas está sujeita ao determinismo dialético de ambas as funções, isto é, sempre em movimento de superação, conseqüentemente, o esquema corporal não se refere a

*Editor responsável. Docente do PPGED e do Departamento de Ciências Humanas e Educação. E-mail: paulolima@ufscar.br



uma unidade biológica ou psíquica, mas a uma construção, processo primordial para o desenvolvimento da personalidade... (LIMA, 2006, p.112).

Na recuperação de tais sentidos e significados, as áreas do conhecimento tem muito o que incluir no processo de observações acerca das relações que acontecem dia a dia em cada sala de aula, implicando processos distintos de aprendizagem. Certamente prezamos não somente pela aprendizagem de conteúdos em si, mas da sensibilidade de ressignificar e nos tornar de forma consistente no "nós" da aprendizagem e do ensino, onde parte e todo estão em constante movimento em uma unidade.

REFERÊNCIAS

LIMA, P.G. *Fundamentos teóricos e práticas pedagógicas*. Engenheiro Coelho, SP: UNASPRESS, 2006.